

APRESENTAÇÃO

Este número de **Sociedade e Estado** é duplamente significativo, pois cumpre uma etapa do desafio a que a Revista se propôs, ou seja, por um lado, recuperar sua periodicidade e seus assinantes e, por outro, divulgar alguns dos resultados do "Encontro de Sociologia da Cultura" ocorrido na Universidade de Brasília, em junho de 1992, onde foram abordados tópicos como o *multiculturalismo* e a relação *arte/sociedade*.

Ao material resultante daqueles debates agregaram-se artigos que haviam sido enviados à Revista. Foram também incluídos outros textos, afinados com as discussões mais relevantes que constituem o campo de investigações sobre cultura na atualidade. De fato, este campo sofreu um importante deslocamento, desde a recente reorientação das categorias de pensamento que possibilitaram o estudo e a politização das práticas estéticas e comportamentais contemporâneas.

O grande volume e a densidade do material coletado levaram a inevitáveis embaraços no momento da seleção e composição dos textos. Daí resultarem dois números independentes que, no entanto, se complementam: o primeiro dedicado à discussão da problemática do Barroco e do Neobarroco, e o segundo sobre questões que hoje demandam reflexão: fenômenos tais como a globalização e as novas políticas identitárias e a própria penetração da ideologia dos direitos das minorias nos circuitos acadêmicos e artísticos.

Este número, em sua primeira parte, traz artigos de dois cientistas sociais que foram os principais responsáveis pela criação de uma tradição de estudos sobre cultura brasileira na Universidade de Brasília. Fernando Correia Dias e Roque de Barros Laraia apresentam, em seus textos, um panorama da produção acadêmica, de forma didática e crítica, tornando claras a riqueza das abordagens e a diversidade dos temas que se colocam no horizonte de reflexão dos sociólogos e antropólogos brasileiros.

A segunda parte - Estética e História: o Barroco em Questão - discute a aludida problemática da estética contemporânea que, libertada das mãos dos especialistas, vem despertando o interesse e ocupando os espaços das revistas de ciências humanas e de crítica de arte e de cultura. Afinal, o que significa este retorno *do* Barroco, ou retorno *ao* Barroco, este rebatimento de um tempo histórico - com suas formas de representação, seus ícones e seus discursos - sobre o nosso próprio tempo? Esta é a discussão proposta por Walter Moser que localiza o paradigma neobarroco e anti-utópico em um contexto caracterizado como o da "crise da modernidade".

Outros artigos que compõem o dossiê temático deste número tratam de aspectos distintos do Barroco e evidenciam por si só o interesse constatado. São artigos de especialistas, de vários domínios acadêmicos, que introduzem questões cruzadas, permitindo assim a aproximação deste momento complexo, a modernidade tardia. Outro não é o sentido do retorno *do* e *ao* barroco: as reciclagens operadas sobre este acervo de imagens e textos desvelam uma percepção do tempo como fragmento, da civilização como ruína, uma profusão das imagens que se dobram e se desdobram.

A inclusão de artigos de crítica cultural ao lado de outros provindos da história da arte, da literatura, do pensamento social, mais do que apresentar orientações teóricas ou exaurir as questões tratadas, visa a expor as disciplinas umas às outras e a promover o trânsito entre as ciências sociais e a reflexão estética. Mesmo as resenhas foram escolhidas de forma a acrescentar elementos à compreensão das questões levantadas.

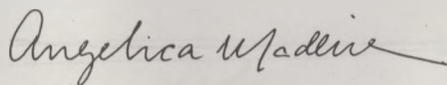
Para este número fomos buscar recursos na iniciativa privada que, mais ágil do que as instituições públicas, viabilizou esta realização.

Sociedade e Estado coloca nas mãos do leitor um número com um tratamento gráfico cuidado, corrige falhas e mantém controle sobre as matérias publicadas, estratégias que asseguram seu padrão estético e a credibilidade acadêmica da Revista.

Nem luxuosa, nem mais cara, **Sociedade e Estado** quer apenas provar que a "feitura endêmica" não é uma característica intrínseca aos periódicos científicos. Apuro estético, cuidado e rigor intelectuais, longe de serem incompatíveis, devem integrar-se de forma interna ao trabalho reflexivo, ao debate de idéias. A arte, desvestida de seu valor de excepcionalidade, torna-se uma forma de travessia do cotidiano e do social.

Este número dedicado à Cultura busca esmerar-se nesta recomendação. Queremos que o valor artístico seja agregado à Revista e por isso passou também a fazer parte de nossa política convidar, a cada novo número publicado, artistas para participarem na criação da capa e nas ilustrações internas, o que valoriza dupla e simultaneamente o artista e o periódico.

Todas estas razões fazem deste volume VIII de **Sociedade e Estado** uma publicação especial.



Angélica Madeira
Editora